

A historicização do panóptico foucaultiano

Pablo Henrique Spíndola Tôrres¹

Resumo: Esse artigo se propõe fazer um levantamento biográfico do momento em que Michel Foucault escreve sobre a estrutura do Panóptico, estabelecendo uma outra interpretação do projeto arquitetural de Jeremy Bentham. Nosso objetivo é perceber em que universo temporal estava inserido Foucault que fomentou sua interpretação do modelo de Bentham, denominado de Panóptico, onde a observação contínua serviria de disciplina. Foucault alarga esse modelo à sociedade como um todo na forma de “docilização dos corpos”. O conceito do Panóptico instrumentaliza uma melhor percepção do funcionamento da sociedade e suas instituições, sendo esta análise uma possibilidade de preencher algumas lacunas historiográficas, pois privilegia temas como temporalidade e espacialidade, discussões presentes nos debates mais contemporâneos.

Palavras-chave: Teoria – Panóptico – Historicização

Résumé: Cet article se propose à faire une enquête biographique du moment où Michel Foucault a écrit sur la structure du *Panopticon*, établissant ainsi une autre interprétation du projet architectural de Jeremy Bentham. Notre objectif est d’appréhender dans quel univers temporel était inséré Foucault qui a fomenté une interprétation du modèle de Bentham, appelé de *Panopticon*, où le commentaire continu servirait de discipline. Foucault élargit ce modèle à la société comme tout dans la forme de "rendre docile des corps". Le concept du *Panopticon* pourrait être utiliser pour une meilleure perception du fonctionnement de la société et leurs institutions, étant cette analyse une possibilité de remplir quelques lacunes historiographiques, donc privilégie des sujets comme le temps et l’espace, discussions présentes dans les débats plus contemporains.

Mots clé: Théorie – Panopticon – Historiable

A importância desta pesquisa se dá por analisar como foi montada a estrutura do Panóptico foucaultiano, estabelecendo uma outra interpretação do projeto arquitetural de Jeremy Bentham². A interpretação foucaultiana mostra que a observação contínua conseguida através do panóptico serviria de disciplina e, ao alargar esse modelo à sociedade como um todo, conseguir-se-ia uma forma de “docilização dos corpos”: a busca da disciplina é uma espécie de herança das instituições criadas com a ascensão da sociedade burguesa, onde o

¹ Pós-graduando em estudos cinematográficos pela UNICAP.

²¹ O filósofo inglês Bentham analisa o panóptico no plano físico, arquitetural, formado para um sistema de cerceamento e controle daqueles que estão inseridos dentro desse plano. Já Foucault alarga essa interpretação para o campo social e problematiza sobre o viés constitutivo daquilo que viria a ser chamado posteriormente de sociedade moderna. Ver: MILLER, Jaques-Alain. **A máquina panóptica de Jeremy Bentham**. In: **O Panóptico: Jeremy Bentham**. Org. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte. Autentica. 2000. p. 75-107.

liame social vai imbuir-se da vigilância constante para adequação e estabelecimento nas relações de poder. Os métodos Panópticos, na sociedade disciplinar, tornaram possível uma ciência do homem racional.

O Panóptico de Bentham descreve o plano arquitetural como um prédio circular com uma torre central, de onde se pode observar as celas construídas a sua volta. As celas teriam duas janelas para fazer com que a luz atravessasse cada uma delas, possibilitando à torre central ou panóptica o poder de, a todo e qualquer instante, acompanhar tudo que ali se passa. A torre de observação teria grandes janelas abertas para as celas, as grades de cada compartimento celular não poderiam ser grossas a ponto de dificultar a visão da torre de controle, pois se não visto em sua totalidade seria por sua silhueta projetada pela sombra. Dentro da central panóptica, as janelas estariam recobertas com persianas ou biombo para impedir aos que estivessem sendo observados de perceberem seus observadores. Logo quem vê nunca é visto; assim como quem é visto nunca vê e está hipoteticamente em constante observação.

Foucault analisa a construção do Panóptico benthaminiano explicando que o detento é um objeto de informação à medida que é visto, mas nunca sujeito de uma ação comunicativa. Surge assim um dos efeitos do Panóptico, que é introjetar a sensação de vigilância. A idéia de observação contínua, mesmo que seja efetivada em seu exercício, proporciona uma introjeção do efeito da disciplina, ele é coagido sob a indução de que está sendo observado. A introjeção subjetiva tem o efeito de criar uma realidade comportamental induzida. Daí emerge a necessidade de que o “poder devia ser visível e inverificável, construindo uma máquina que a partir dos mais diversos desejos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (FOUCAULT, 1987: 167). Essa sujeição mesmo que fictícia cria uma relação real e mecânica de disciplina. A aplicação desse modelo passa a ser eficaz em qualquer instituição que assim a deseje, seja ele a escola, o hospital, o hospício, a fábrica ou a casa de detenção. Melhorando a funcionalidade da disciplina nessas instituições por retirar o peso das velhas “casas de segurança”, a arquitetura assume o lugar da força física.

O Panóptico vai figurar como uma tecnologia política que serve para qualquer uso específico. Seu aperfeiçoamento é eficaz à medida que reduz o número de quem o exerce e multiplica o número dos quais sofrem sua ação, pois atua antes que as transgressões ao seu sistema ocorram. Essa “intensificação do aparelho do poder assegura economia e eficácia no caráter preventivo, dando continuada funcionalidade nos mecanismos automáticos de sugestão subjetiva.” (FOUCAULT, 1987: 170).

Essa máquina que funciona como uma olhadela permite uma fácil compreensão de sua forma, mesmo para os que estão fora de sua relação, adquirindo um efeito social. Essa máquina também é facilmente observável em seu funcionamento dando-lhe o alvará social da segurança. O esquema Panóptico não precisa se desfazer do seu funcionamento para tornar-se generalizante, seu exercício transparente de prática de poder se difunde socialmente por esta forma de ordenação. O que vai ser importante na sua otimização funcional à medida que é aplicada, seja em que esfera for. Sua prática de ação atinge as bases da sociedade sem ser agressiva como o modelo anterior ao seu invento. Foucault vai chamar isso de uma nova “anatomia política” que tem por finalidade não as relações de imposição soberana do poder, mas uma disciplina das relações. “O Panóptico generaliza num nível de mecânica arquitetural elementar, o funcionamento basilar da sociedade nos mecanismos de disciplina.” (FOUCAULT, 1987: 171-172).

A disciplina assume duas imagens distintas: a disciplina-bloco, negativa, fechada, para fazer o mal; e a disciplina-mecanismo funcional, rápida, leve e eficaz com coerções sutis e internalizadas. Essa transformação que flui de um modelo de disciplina para outro, é uma transformação histórica dos dispositivos de disciplina nos séculos XVII e XVIII, que são a formação de uma sociedade disciplinar. Essa demonstração dos institutos de disciplina é a ponta visível do iceberg de um processo de reestruturação social.

Três são os pontos da disciplina nesse processo. O primeiro é a inversão funcional das disciplinas. Antes sua função era neutralizar perigos, agora é otimizar a utilidade dos indivíduos, funcionando como técnica de fabricação de seres úteis à sociedade e no século XVIII multiplica-se as instituições disciplinares. O segundo é a ramificação dos mecanismos disciplinares. Sua prática se decompõe em processos flexíveis para proporcionar um aspecto de vigilância externa desenvolvida na margem de controles laterais, quando, por exemplo, passa-se a se preocupar na escola não só com o aluno, mas também com sua família. Outro exemplo são os grupos organizados de origens religiosas associativas e de beneficência que não são uma instituição fechada, mas igualmente funcionam nesse controle.

O terceiro ponto é a estatização dos mecanismos de disciplina, que objetiva um poder de vigilância permanente, capaz de tornar tudo visível, mas lhe confere a condição de invisibilidade. O exemplo é o que aconteceu na Inglaterra e França no século XVIII, um sobre os auspícios do poder religioso noutro com a polícia e a justiça. “A disciplina é um tipo de poder que contém instrumentos, técnicos, procedimentos, níveis de aplicação, alvo; ela é física, anatômica, não sendo confundida assim com uma instituição ou um simples aparelho.” (FOUCAULT, 1987: 177).

Partindo disso, constrói-se a sociedade disciplinar que ultrapassa o modelo representado pela “quarentena” como controle e estabelece a generalização mecânica do panóptico. Foucault comenta que Julius em 1831, já falava em nascimento de um princípio panóptico como um acontecimento na “história do espírito humano”, dentro disso Michel afirma que há uma mudança da sociedade que tem suas bases na cultura grega do espetáculo público, da intensidade das festas para uma coletividade da vigilância: “somos bem menos gregos que pensamos. Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens” (FOUCAULT, 1987: 179).

Para perceber a formação do processo disciplinar dessa sociedade nascente é necessário percebê-la inserida historicamente em lugares econômicos, jurídicos-políticos e científicos. À medida que as disciplinas são técnicas de ordenação das multiplicidades humanas, elas assumem táticas de poder que correspondem a critérios específicos. Seriam eles: tornar o exercício do poder menos custoso; fazer com que os efeitos atinjam o máximo de sua intensidade e do seu alcance, sem percalços para isso; e unir esse crescimento “econômico” do poder com o rendimento dos aparelhos que o aplicam.

Quando se volta para o momento histórico da Europa nos séculos XVIII e XIX, percebe-se aquele funcionamento, explosão demográfica, aumento da população flutuante, mudanças da escala quantitativa levam a uma necessidade de controle e aprimoramento da eficácia da disciplina exigida. A análise não pode ser dissociada, é uma relação de aglutinação, pois se esses percursos sociais são perceptíveis, faz-se necessário essa mudança no modelo da disciplina; quando se tem essa transformação na disciplina estabelece também uma redefinição social. Esse “desenvolvimento das disciplinas são técnicas que também derivam da economia diversa; mecanismos de poder que substituem a “retirada-violenta” pelo princípio da “suavidade-produção-lucro”, assimilando a pluralidade dos aparelhos de produção.” (FOUCAULT, 1987: 180).

Para isso se fixa, imobiliza, regulamenta os movimentos da sociedade através da separação verticalizada dos indivíduos. É um tipo de processo piramidal de individualização da disciplina, para aumentar a singularidade de cada elemento da multiplicidade social com métodos mais rápidos e baratos, utilizando-se da própria diversidade. Daí se extrai o máximo de vigilância, treinamento, exercícios e condicionamentos da disciplina. A disciplina é um conjunto das minuciosas invenções técnicas que permitem crescer a extensão útil das multiplicidades e diminuir os inconvenientes do poder (FOUCAULT, 1987: 181). O limítrofe

dessa assimilação é quando a disciplina torna-se favorável para ambas as partes da relação entre disciplinador e corpo disciplinado.

Pois se a economia ocidental tem sua base na acumulação de capital, a acumulação dos homens transformou as forma de poder tradicional em tecnologias minuciosas e calculadas de sujeição. A maturação de uma economia capitalista proporciona uma modalidade específica de poder disciplinar que funciona através de regimes políticos, aparelhos ou instituições muito diversas.

Quando a burguesia se tornou, no século XVIII a força política dominante, o quadro jurídico-político vem alicerçado na generalização de dispositivos disciplinares. A percepção panóptica deu esse status de universalidade ao fundamento ideal do poder jurídico-político. Validação essa que passa pela construção de um corpo disciplinado, criando suas amarras e descobrindo a “liberdade” na instrumentalização jurídica da sociedade. O panoptismo faz funcionar e difunde o juridismo universal da sociedade moderna. O que se amplifica não é a compreensão universalizante da lei nos sujeitos de direito, mas os elementos minuciosos e alargantes do processo panóptico. Esses métodos estão inscritos num processo histórico de desenvolvimento, onde se encaixa a disciplina juntamente com outras tecnologias industriais, econômicas e agrônômicas, por exemplo.

A invenção das técnicas de disciplina, aconteceram no século XVIII como aconteceram anteriormente nos séculos XII e XIII da idade média, com o inquérito judiciário. “Essa invenção inquisitorial vai influenciar todo processo constitutivo das ciências empíricas, um tipo de matriz jurídico-político desse saber experimental” (FOUCAULT, 1987: 187). A análise disciplinar, para Foucault, vai representar a mesma importância para as ciências do homem. Pois se o inquérito é uma técnica para as ciências empíricas, a disciplina representa o mesmo efeito nas ciências humanas. Mesmo as ciências da natureza foram invadidas pela compreensão da tecnologia disciplinar, a exemplo do que aconteceu com a justiça penal que tem sua origem inquisitorial, mas as problematizações do criminoso como um indivíduo disciplinar, são inseridas. A justiça não é mais a manifestação do corpo poderoso do rei, mas um processo de observação minuciosa e analítica invadida por métodos disciplinares.

O Panóptico seria um sistema de mecanismos específicos, que descreve a utopia de um sistema geral. Onde cabem questionamentos inclusive sobre o contra poder de quem e impelido por ele, pois diferentemente do que propõe Bentham, estes não são passivos. Mas também não se pode cair em uma razão simplista de que a luta seria a explicação definitiva disso. Essa idéia só tem significado se estudada caso a caso, observando cada análise de poder. “Pois mesmo que os presos tomassem de assalto à torre panóptica, e esta não fosse destruída,

ficaria a dúvida se eles agiram diferentes dos vigias que a controlavam” (FOUCAULT, 2004: 227).

Percebeu-se o que era o Panóptico em si, como um sistema de múltiplos olhares, onde quem observa não é visto e quem é observado nunca pode ver. Dentro disso tem-se as implicações de se introjetar as sensações de observação ininterrupta podendo disciplinar o indivíduo. O tema em construção permite à historiografia um debate multifacetado sobre um tema que se insere na militância política do próprio Michel Foucault problematizando a sociedade moderna construída dentro do estabelecimento da razão vigilante.

O pensador francês ao elocubrar sobre a sociedade punitiva expõe as nuances de seu momento histórico, que o provoca a refletir sobre poder, disciplina e cerceamento de liberdades. Nesse sentido, o pensamento Panóptico requer entendimento de um momento do autor. Foucault ao produzir as abordagens sobre o Panóptico está inserido em um período histórico muito específico como comenta em entrevista citada por Billeouet, que “sem maio de 68 certamente não teria tido a coragem de levar minha pesquisa para o lado da pena, das prisões, das disciplinas” (BILLOUET, 2003: 140).

Em 1971, fundou o Grupo de Informações sobre as Prisões, junto com P. Vidal-Neguet, J-M Damenach, que propõe uma divisão entre o exterior e o interior da prisão. Estas observações estão motivadas pela prisão de militantes maoístas que de dentro da prisão realizavam pesquisas sobre a situação e informavam sobre a realidade do cárcere. Desse grupo de detentos participavam A. Geismar, M. Le Bris, M. Le Dantec entre outros. A repercussão veio através da adesão do GIP de pessoas como Sartre, Deleuze e C. Mauriac. Foucault era tido como o líder ou “chefe” desse movimento que terminou estimulando a revolta em 35 prisões entre 1971 e 1972.

Surgiu um outro grupo que recebeu o bastão do GIP, a Comissão de Ação dos Presos, dirigida por S. Livrozet e se separa em 1974 do grupo. Mas, continuou a utilizar os espaços de propagação de suas idéias como a imprensa ou seminários, onde militou abertamente contra a pena de morte. Participou também da fundação do Jornal *Libération* e de um protesto coletivo contra o fascismo espanhol em Madri ao lado de Yves Montard, Régis Debray e outros, época em que Foucault ficou à beira do enfrentamento físico, sendo preso junto com C. Mauriac e Jean Genet. Seus seminários abordavam temas cada vez mais ligados a sua militância, por exemplo um intitulado “história das relações entre psiquiatria e justiça penal. Durante esse período publicou um dossiê de um parricida chamado Pierre Rivière.

Em fevereiro de 1975 publicou *Vigiar e Punir*, que teve uma grande repercussão na época com número especial na revista *Magazine Littéraire*, ganhou páginas especiais e

entrevistas no *Le Monde*, *La Quinzaine Littéraire*, *Le Figaro*, *L' Express*, *Le Nouvel Observateur* e outros. A revista *Critique* consagrou uma edição ao livro e a Foucault, a *Le Temps Modernes* publicou um artigo de Roustang que não foi aceito pela *Critique*. Separar as implicações acadêmicas das políticas nesse momento da obra de Michel é difícil. O livro foi lido por diversos segmentos sociais, inclusive por juristas, e as agitações causaram efeitos nos relatórios administrativos e vistoriais.

As consequências do livro (*Vigiar e Punir*) associadas ao Grupo de Informações sobre as Prisões e a Comissão de Ação dos Presos foi uma abertura das prisões no sentido de dar visibilidade por parte da imprensa, formular parlatórios livres, des-disciplinarização e a desculpabilização dos presos. Estes não entraram mais no modelo de expiação e reivindicaram melhores condições: “matei, peguei tantos anos, mas isso não é razão para faltarem cobertores e sentir frio no inverno” (BILLOUET, 2003: 142). O livro também traz consequências

*“(...) entre os historiadores, Agulhon, Chartier, Farge, Leonard Perrot, Revel, etc., discutem seu livro em geral, e pelo menos Farge e Perrot continuam a pesquisa com Foucault. A primeira publicou *Le désordre des familles*, a partir de manuscritos que trabalham em conjunto, e a segunda publicou o ensaio de Bentham, Veyne, Hadot e Legoff, sem discutir esse livro em especial, também se interessam pela relação de Foucault com a história.” (BILLOUET, 2003: 143).*

Interessa-nos ver nesse momento como o pensador que problematizou sobre a desvalidação dos sistemas de pensamento modernos insere-se num debate que em certa medida contradiz a fundamentação teórica dos seus escritos e reformula seus conceitos estabelecendo tessituras que se inserem no seu posicionamento político. A temática permite analisar a contextualização da produção do Panóptico foucaultiano e suas reverberações no ofício historiográfico. O professor Durval Muniz nos elucida os espaços deixados por Foucault, os silêncios que ele deixou e o momento que ele estava inserido para deixar esses silêncios e a partir daí inserir o Panóptico associado ao não dito e os efeitos do não dito.

Devemos desconfiar, pois, dos objetos definidos para o saber histórico. Devemos perceber que estes foram transformados em objeto num dado momento, numa dada configuração de forças e saberes e é desta que eles falam. Mais do que explicarmos os fatos, interpretá-los, devemos seguir suas linhas de constituição, o rendilhado de lutas, experiências e falas que deram origem ao seu desenho, atentos para os silêncios que são incontornáveis, mas são também elementos de sua tessitura. Se pensamos o passado como uma renda, permanentemente retrabalhada, devemos lembrar que não são apenas as linhas, laços e nós, por mais coloridos que sejam, que dão forma ao desenho projetado, são, justamente, os buracos, os vazios, as ausências, que são responsáveis por fazer aparecer com nitidez o que se pretendia fazer (ALBUQUERQUE JR, 1998: 67-86).

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de, **Os “Maus Costumes” de Foucault**, *Pós-História*, nº 6, EDUNESP, 1998, p. 67-86.

_____. **Um leque que respira: a questão do objeto em história**. In: Vera Portocarrero e Guilherme Castelo Branco. (org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: NAU, 2000, v. , p. 117-137.

BENTHAM, Jeremy. **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BILLOUERT, Pierre. **Foucault**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2003.

FOUCAULT Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. Pp. 209-227.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes. 1987. Pp. 162-187.